



Princípios metodológicos de ensino para alunos surdos: um olhar sobre a produção científica

Methodological principles of teaching for deaf students: a look at scientific production

Esthefany Ingrid Costa da Silva¹
Vitória Wislla Sousa Lira²
Hector Renan da Silveira Calixto³

RESUMO

A pesquisa objetiva agrupar metodologias para o ensino de alunos surdos, através de artigos disponíveis no Portal de Periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). A busca foi delimitada por filtros que possibilitaram chegar a 6 artigos para categorização das informações relevantes para a pesquisa. Inicialmente, aborda-se sobre como ocorre o ensino para surdos e seus desafios, passando por uma conceitualização da educação de surdos, apresentação das problemáticas e obstáculos para o ensino de surdos e, brevemente, alguns elementos teóricos das metodologias de ensino para surdos. Como fundamentação teórica utilizou-se Lacerda (1998 - 2011), Strobel (2006), dentre outros. Os resultados foram reunidos em quadros com as informações importantes das pesquisas e analisadas em comparação. Como conclusão notou-se uma escassez de métodos para auxiliar no processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Metodologias. Ensino. Surdo. Estado do conhecimento.

ABSTRACT

The research aims to group methodologies for teaching deaf students, through articles available on the CAPES Periodicals Portal (Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel). The search was delimited by filters that made it possible to reach 6 articles for categorization of relevant information for the research. Initially, it discusses how teaching for the deaf occurs and its challenges, passing through a conceptualization of education for the deaf, presentation of the problems and obstacles for teaching the deaf and, briefly, some theoretical elements of teaching methodologies for the deaf. As a theoretical basis, Lacerda (1998 - 2011), Strobel (2006), among others, was used. The results were gathered in tables with important information from the surveys and analyzed in comparison. As a conclusion, there was a lack of methods to help in the teaching-learning process.

Keywords: Methodologies. Teaching. Deaf. State of knowledge.

¹ Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: esthefanys305@gmail.com. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0006-2509-552X>.

² Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: vitoria.wislla@gmail.com. Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-7852-7656>.

³ Doutor em Educação na Amazônia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa); Mestre em Educação, Cultura e Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Licenciado em Pedagogia, Educação Especial e Letras-Libras. Professor de Libras no Instituto de Ciências da Educação (ICED), na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Líder adjunto do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação de Surdos (GEPES), da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: hector.calixto@ufopa.edu.br. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4227-6625>.



INTRODUÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.396/1996 (BRASIL, 1996) estabelece a obrigatoriedade ao acesso à educação para todos. Contudo, nota-se uma precarização neste acesso por parte de indivíduos surdos tendo em vista a própria desvalorização destes, por serem considerados incapazes de aprender e, até mesmo, viver regularmente em sociedade (LACERDA, 1998). Ao longa da história, o pensamento esteve vinculado a fala, tornando os não falantes incapazes de desenvolver suas capacidades intelectuais, o que é sabido ser uma inverdade.

Neste sentido, a comunidade surda lutou e alcançou muitos avanços no que se refere manutenção dos seus direitos básicos. O Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005) e a Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002) são exemplos destas conquistas. O decreto regulamenta a lei e estabelece que os indivíduos surdos interajam por experiências visuais utilizando a Língua Brasileira de Sinais (Libras) para se expressar. Desta forma, a Libras se tornou fundamental dentro das escolas.

O professor deve ser capaz de transmitir ensinamentos e vivências. Para os que vão lidar diretamente com alunos surdos, é necessário compreender as especificidades destes para, assim, desenvolver métodos eficazes a fim de obter uma educação de qualidade. É requerida uma metodologia que seja capaz de repassar os conhecimentos, respeitando a primeira língua destes alunos e, imprescindivelmente, utilizando-a. Infelizmente, as salas de aula por vezes não possuem intérprete de Libras, resultando num déficit considerável para aprendizagem destes alunos, fazendo com que o educador busque por formas de proporcionar o crescimento intelectual destes alunos.

Diante das experiências vivenciadas em sala de aula no curso de Licenciatura em Pedagogia, turma de 2017, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), com as disciplinas que abordam a educação especial, em particular o componente curricular de Libras, despertou-se um interesse nas formas de ensino ao aluno surdo, com foco em metodologias e materiais que possam auxiliar o educador nesse processo.

Na busca a essas metodologias de ensino, apresenta-se o seguinte problema de pesquisa: Quais as principais metodologias para o ensino de alunos surdos?

A pesquisa objetiva, de forma geral, apresentar um agrupamento de metodologias, tendo como objetivos específicos: identificar metodologias utilizadas para o ensino de alunos surdos;



elencar os principais obstáculos do ensino para alunos surdos; e esquematizar métodos eficazes de aprendizagem para alunos surdos para busca facilitada.

Inicialmente, trazemos conceitos a serem entendidos para ampliar a compreensão sobre o sujeito surdo, algumas problemáticas de ensino enfrentados por esses sujeitos e alguns destaques em metodologias de ensino. Posteriormente, apresentamos os aspectos metodologias da pesquisa, como foi realizada as análises detalhadas de cada artigo e por fim organizamos os resultados obtidos através das análises das informações importantes de cada artigo para a pesquisa.

ENSINO PARA SURDOS E SEUS DESAFIOS

Para conceituarmos a educação para surdos, precisamos entender, primeiramente, quem são esses indivíduos e sua luta ao longo da história. Com auxílio de Strobel (2006), traçaremos um perfil: povo surdo (indivíduos surdos que possuem características semelhantes em relação a costumes, história e tradições e constroem seu entendimento do mundo através da visão) e comunidade surda (composta por indivíduos ouvintes e não ouvintes que partilham dos mesmos anseios, e podem se agrupar em associações de surdos, igrejas, escolas, etc.).

No decurso da história os surdos foram acometidos por agressões e por vezes amparo, ocorreram alguns avanços e retrocessos que ajudaram a constituir a educação destes e sua relação com a sociedade. Podemos citar casos de ataques a integridade desses indivíduos: “Na China Antiga, eles eram jogados ao mar; em Esparta eram jogados do alto de rochedos; em Atenas, eram abandonados; entre os gauleses, eram sacrificados em ritual”. (BIGOGNO, 2012, p.2).

Em contrapartida, podemos relembrar exemplos de evolução no que se refere a tratamento e educação de surdos, podemos mencionar Pedro Ponce de León que em Madrid no séc. XV ensinava os filhos surdos de nobres levando em conta que eles precisavam aprender a administrar suas heranças. Nesse período, a atuação da religião era muita intensa, fortalecendo o ideal de humanidade ligado precisamente a fala.

Outro educador de destaque foi o Abade l’Epeé que, com o auxílio de sinais e a gramática da língua francesa e com o apoio de um intérprete (pessoa capaz de ouvir e conhecedor dos sinais) alfabetizou surdos, consolidando seu trabalho com a criação de uma escola no séc. XVIII, suas ações promoveram grandes mudanças nesse período como a



institucionalização da escola e o direito ao acesso à educação para surdos. (BENARAB, OLIVEIRA, 2007).

Ressaltamos também os seguintes educadores: Jean Marc Itard, autor do livro “Garoto Selvagem”, trazia o discurso que o surdo podia ser treinado para ouvir palavras; Thomas Hopkins Gallaudet, que após seu contato com uma criança surda debruçou-se em pesquisas para ensino de surdos, juntamente a Laurent Clerc fundou, em 15 de abril de 1817, a primeira escola permanente para surdos nos Estados Unidos. (STROBEL, 2006)

No Brasil, a chegada de Eduardo Huet foi o ponto de partida para iniciativas de educação para pessoas surdas. Em 26 de setembro de 1857, foi fundada a primeira escola para surdos no Rio de Janeiro, o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Destacamos que nesta data se comemora o dia do surdo, que posteriormente deu início ao setembro azul, mês de conscientização e visibilidade para pessoas surdas.

Em 1880, ocorre o Congresso de Milão que se torna um marco negativo para a comunidade surda. Nessa conjuntura, foi determinado que indivíduos surdos não tinham problemas fisiológicos em relação ao seu aparelho fonador, em síntese estabeleceu-se que estes não possuíam dificuldade para falar, portanto, não havia necessidade de utilizar a língua de sinais devendo-se banir as usadas, recaindo, assim, para o método de oralização.

O séc. XIX foi marcado por uma visão de normalidade do corpo humano, tal discurso trouxe em seu arcabouço uma disciplinarização do ser, dessa maneira se construiu uma categoria normal e uma categoria anormal. Neste período o paradigma biológico definia os limites da normalidade. Entendendo a situação crítica deste momento histórico, surgem propostas de educação para pessoas com deficiências “aplicavam-se práticas normalizadoras - entendidas como práticas que pretendiam adaptar ou, até mesmo, curar” estes indivíduos. (BAALBAKI, CALDAS, 2011, p. 1889).

Seguindo as disposições do congresso, bem como o viés normalizador defendido por alguns estudiosos da época, a educação para surdos passou a ser lecionada por professores ouvintes que utilizavam o método de oralização, este tinha por objetivo tornar os surdos ouvintes e que estes pudessem se comunicar através da fala, entretanto tal método mostrou-se obsoleto e ineficaz, a consequência dessa tentativa falha foi a marginalização dos surdos no que se refere a educação.



Após esse período de regressão, os anos 60 foram marcados por um renascimento e aceitação das línguas de sinais. A promulgação da LDBEN (BRASIL, 1996) fortaleceu a busca pelo acesso à educação. A Lei 10.436 (BRASIL, 2002) trouxe em seus parágrafos o reconhecimento à Libras e sua utilização nos espaços públicos, ressaltamos os seguintes artigos:

Art. 1o É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Art. 4o O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente (BRASIL, 2002).

O maior avanço no que diz respeito a legislação da educação de surdos é o Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005). Nos seus parágrafos apresenta as seguintes diligências:

- A inserção da Libras como uma disciplina nos cursos de formação de professores (Art. 3º);
- A formação de professores para séries finais do fundamental e médio, é de graduação em Letras/Libras ou Libras/Língua Portuguesa como segunda língua (Art. 4º), para séries iniciais do fundamental e educação infantil, formação em Pedagogia em que Libras esteja na grade curricular como disciplina (Art. 5º). Para instrutor de Libras, a formação deve ser realizada em cursos de educação profissional e cursos formação continuada (Art. 6º);
- A manutenção e permanência de indivíduos surdos em espaços educacionais (Art. 14);
- O currículo indica o ensino de Libras e a Língua Portuguesa escrita como segunda língua para alunos surdos (Art. 15º);
- A formação para intérprete/tradutor de Libras deve ocorrer por meio de curso superior (Art. 17) (BRASIL, 2005).

Logo após termos salientado alguns artigos que consideramos de extrema relevância dentro deste decreto, podemos dialogar sobre a influência na educação dos surdos. Como apresenta Lacerda (2011), a maior problemática não é os indivíduos surdos não ouvirem e sim sobre não falarem. Entendemos a linguagem como meio que fortaleceu os seres humanos em



sociedade. Para a criança surda, destacamos a introdução precoce à Libras, sendo sua primeira língua e, posteriormente, durante a entrada na vida escolar, o acesso a Língua Portuguesa escrita como segunda língua.

Nesse contexto nos deparamos com algumas questões que se tornam dificuldades praticamente palpáveis. A primeira problemática é a utilização de Libras em sala de aula, mesmo que a Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002) legitime Libras como língua e o Decreto nº 5.626/2005 (BRASIL, 2005) nos seus Art. 4º a 6º determine a formação de libras para profissionais da educação, a realidade nos mostra alunos que pouco tiveram contato com Libras no seio familiar, e professores com formação deficitária incapazes de repassar conteúdo para esses alunos (LACERDA, 2011).

O segundo obstáculo para ensino dos surdos se observar na carência de espaços com materiais que auxiliem os professores, como destacamos ao longo do texto, os indivíduos surdos constroem sua percepção do mundo através da visão, as escolas, por vezes, não possuem Datashow e televisão para proporcionar a visualização por parte destes alunos.

A terceira problemática diz respeito a forma utilizada para ensinar. Como observamos anteriormente, a falta de contato com Libras faz com que os educadores precisem buscar por metodologias que supram, minimamente, as necessidades educacionais dos alunos, levando em conta tamanha relevância desta questão, pois estes precisam diariamente ter que lidar com uma turma de alunos ouvintes e alguns alunos não ouvintes no mesmo espaço.

A educação do aluno surdo demanda a abrangência de algumas práticas educativas para que ocorra uma aprendizagem mais significativa. As metodologias aplicadas no ensino, devem comportar as especificidades desses alunos. Um primeiro aspecto metodológico a ser considerado é que “[...] o professor precisará ser parceiro do intérprete de Libras para que se ampliem as possibilidades de construção de conhecimentos desses alunos [...]” (LACERDA, 2011, p. 103).

Se tratando de metodologias direcionamos ao ensino, destaca-se a semiótica imagética da autora Campello (2007) que se utiliza da Libras e de outros elementos imagéticos “[...] (uma maquete, um desenho, um mapa, um gráfico, uma fotografia, um vídeo, um pequeno trecho de filme) poderia ser um material útil à apresentação de um tema ou conteúdo pelos professores (LACERDA, 2011, p. 105).



Através dessa metodologia, destaca-se a importância de considerar, mais do que nunca, os demais sentidos do corpo humano. É preciso propiciar um ambiente rico de elementos visuais, que possam gerar uma compreensão mais ampla dos componentes educacionais.

A escola pode colaborar para a exploração das várias nuances da imagem, signo, significado e semiótica visual na prática educacional cotidiana, oferecendo subsídios para ampliar os “olhares” aos sujeitos surdos e à sua capacidade de captar e compreender o “saber” e a “abstração” do pensamento imagético (LACERDA, 2011, p.108).

Enfatiza-se ainda outro método de ensino dentro de uma pedagogia visual:

A teoria sobre mapas conceituais foi desenvolvida por Joseph Novak (NOVAK, 1977), nos anos de 1970 (TAVARES, 2007), e define o mapa conceitual como uma ferramenta para organizar e representar conhecimento, ou seja, configura-se como uma representação gráfica em duas dimensões de um conjunto de conceitos construídos de tal forma que as relações entre eles sejam evidentes (LACERDA, 2011, p.106).

Nessa metodologia podem ser agrupados inúmeros conceitos para definição mais lógica e direcionada do conteúdo abordado pelo professor, possibilitando uma visão mais ampla e compreensiva, otimizando outros sentidos para o ensino do aluno.

Juntamente a essas metodologias, a Libras tem papel fundamental na troca do professor com o aluno. É indispensável sua utilização e deve ser aproveitada para expandir as possibilidades metodológicas de ensino.

Aproveitar as experiências visuais na e da Língua de Sinais pode produzir estratégias de ensino eficientes, já que esta língua inscreve-se no lugar da visualidade e encontra na imagem uma grande aliada junto às propostas educacionais e às práticas sociais (MARTINS, 2010 *apud* LACERDA, 2011, p. 108).

O ensino do surdo deve possuir metodologias adequadas às suas formas de aprendizagem, sempre levando em consideração sua comunicação espaço visual e os conteúdos que gerem significados associados as suas vivências, possibilitando uma compreensão melhor dos assuntos estudados. Como auxílio a aplicação e desenvolvimento de metodologias, foram reunidas algumas estratégias metodológicas encontradas nos artigos disponíveis no Portal Capes, que podem se tornar caminhos mais direcionados no processo de ensino do aluno surdo.



ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para elaboração da pesquisa, aplicou-se a metodologia de tipo qualitativa com análise bibliográfica de artigos oriundos do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que reúne um acervo rico em artigos científicos.

A pesquisa é caracterizada como estado do conhecimento, com seleção de arquivos específicos que abrangem o tema. Como critério de seleção foram utilizados filtros, sendo estes: Avaliados por pares, Artigos, Língua Portuguesa, de 2015 a 2022 e Qualis A1 a B1. Após a aplicação desses filtros, foram obtidos uma reunião de 124 artigos através do portal.

Os artigos coletados foram direcionados posteriormente para análise detalhada no programa Excel. Nesta ação foi observada a presença de materiais que estavam fora da classificação de Qualis delimitada, sendo excluídos 08 artigos com Qualis B2, 03 artigos com Qualis B4, 04 artigos com Qualis C e 05 artigos com identificação N/D, totalizando 20 artigos excluídos. Identificamos ainda a presença de 15 artigos em inglês e 02 artigos em espanhol que foram excluídos.

A seleção dos materiais prosseguiu com a leitura dos títulos e resumos, para filtrar os que se alinhavam com o tema (Metodologias de ensino ou estratégias metodológicas de ensino). Os 87 arquivos restantes, foram organizados por ano e selecionados de acordo com sua importância para a pesquisa, os que não tinham conteúdos pertinentes para a pesquisa foram excluídos.

Referente ao ano de 2015 obtivemos 06 artigos, destes nenhum se enquadrava ao tema, sendo todos excluídos. No ano de 2016 obtivemos 07 artigos e destes 03 foram excluídos. No ano de 2017 obtivemos 15 artigos, mas destes, 08 foram excluídos. No ano de 2018 obtivemos 14 artigos, sendo excluídos 08. No ano de 2019 obtivemos 18 artigos e destes 12 foram excluídos. No ano de 2020 obtivemos 10 artigos, sendo excluídos 08. No ano de 2021 obtivemos 12 artigos e 10 deles foram excluídos. E no ano de 2022 obtivemos 05 artigos e todos foram excluídos.

Após essa seleção, os anos 2015 e 2022 não dispunham de nenhum material para análise e, com as exclusões, restaram 06 artigos que possuíam pertinência para esta pesquisa dos anos de 2017 a 2020, demonstrados no Quadro 01 a seguir:



Quadro 01 – Relação dos artigos selecionados para análise.

Ano	Título	Autor(es)	Periódico
2020	A História em Silêncio: O Ensino de História para Alunos Surdos em Santarém-Pa.	André Dionei Fonseca; Hector Renan Da Silveira Calixto; Lino Arlem Azevedo Baia	Educa - Revista Multidisciplinar em Educação
2019	A Inclusão e suas práticas: aspectos socioantropológicos da produção de materiais pedagógicos inclusivos para Surdos	Ana Luisa Borba Gediél; Victor Luiz Alves Mourã; Isabela Martins Miranda	Anuário antropológico
2017	Atuação da sala de recursos no processo de ensino aprendizagem da Geografia para alunos surdos	Jean Volnei Fernandes; Ruth Elias de Paula Laranja	Revista de educação popular
2019	O ensino de artes na contemporaneidade: uma experiência metodológica de ensino de arte para crianças surdas	Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva; Daniela Almeida Moreira; Breithner Monteiro Viana	Revista Inter Ação
2018	SIGNWRITING: a proposta de leitura para alunos surdos pela transcrição da Língua Brasileira de Sinais	Edmarcius Carvalho Novaes; Edmara Carvalho Novaes; Jéssica Rocha de Moura	DA Pesquisa
2018	Um olhar Psicopedagógico na Inclusão de um Aluno Surdo	Leonor A. B. Oliveira	Holos

Fonte: Elaboração dos autores (2023).

Os 06 artigos passaram por um detalhamento das informações necessárias, sendo catalogadas da seguinte forma:

- Objetivos
- Local
- Participantes (professores, alunos, etc)
- Quantidade de participantes
- Ano do ensino
- Disciplina específica ou área do conhecimento
- Conteúdo específico (se houver)
- Metodologia de ensino apresentada
- Resultados
- Sugestões de referências (caso indique algum outro estudo para aprofundar)

Essas informações foram reunidas em uma planilha eletrônica, organizada para facilitar a análise dos conteúdos dos artigos.



ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA ENSINO DE SURDOS

Com análise aprofundada dos artigos selecionados, foram evidenciados quatro eixos principais para nortear o ensino do aluno surdo. Estes estão identificados como: uso de Libras, metodologias, material didático e língua escrita que estão descritos a seguir, demonstrando no que cada estudo contribuiu para o direcionamento do ensino.

Uso de Libras

Para iniciarmos a análise das propostas trazidas nos textos, ressaltamos o seguinte ponto: a utilização da Libras como língua principal ou auxiliar para alunos surdos. Dos seis artigos selecionados para essa pesquisa, cinco deles enfatizam o uso da Libras. Como dito anteriormente, ao longo do texto, o Decreto nº 5.626/2005 (BRASIL, 2005), no Art. 15 afirmar a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa (modalidade escrita) como segunda.

Destacamos no quadro 02 a seguir, citações dos textos que fomentam o uso de Libras pelos alunos surdos:

Quadro 02 – Citações dos artigos que tratam do uso da Libras como princípio para o ensino de surdos.

Fonseca, Calixto e Baia (2020)	“A principal ferramenta que deve ser utilizada por um docente que se disponha a ensinar História para alunos surdos deve ser a utilização da Libras [...]”. (p.264)
Gediel, Mourão e Miranda (2019)	“[...] sujeito Surdo, que tem a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua”. (p. 140)
Fernandes e Laranja (2017)	“[...] ao se utilizar uma comunicação adequada, neste caso Libras, e elementos que configurem os aspectos visuais na aprendizagem, os alunos surdos podem aprender de maneira muito mais adequada e significativa”. (p.138)
Novaes, Novaes e Moura (2018)	“Alunos surdos, escrevendo e lendo em sua língua materna (Libras), quebra a descontinuidade existente nos atos comunicativos na abordagem bilíngue de alfabetização, uma vez que estes se dão em Libras”. (p. 797)
Oliveira (2018)	“[...] língua portuguesa [...], deve ser a segunda língua do surdo, já que sua primeira língua é a Libras, denominada língua de sinais”. (p. 104)

Fonte: Elaboração das autoras (2022).

Assim como a Língua Portuguesa possui seu status de importância dentro da sociedade de indivíduos ouvintes, o mesmo ocorre com a Libras para indivíduos surdos, que por legislação é reconhecida como língua e deve ser respeitada e reproduzida (BRASIL, 2002). O ambiente



escolar deve acolher e considerar as especificidades dos alunos para assim fixar sua atenção para os conteúdos.

Como salienta Novaes, Novaes e Moura (2018), a Libras é a forma como os indivíduos surdos se comunicam e pensam, então os educadores devem utilizar esta para transmitir os conhecimentos. A escola, por vezes, é o primeiro contato dos alunos com a Libras, cabendo, então, aos profissionais da educação, a apresentação e o ensinamento da língua materna destes alunos, fortalecendo e propagando a Libras (LACERDA, 2011).

Metodologias

Visualizaremos a seguir as metodologias trazidas nos textos:

Quadro 03 – Elementos dos artigos que indicam metodologias com bons resultados no ensino de surdos.

Autores	Metodologias
Fonseca, Calixto e Baia (2020)	Comunicação visual, expressão visual
Gediel, Mourão e Miranda (2019)	TIC's inclusivas
Fernandes e Laranja (2017)	Vídeos e imagens
Silva, Moreira e Viana (2009)	Atividades práticas (exemplo: sal grosso sobre o tambor), utilizando visão e interação entre os alunos.
Novaes, Novaes e Moura (2018)	Escrita de sinais (Signwriting)
Oliveira (2018)	Narrativa de Imagens

Fonte: Elaboração das autoras (2022).

A Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005), no Art. 14º salienta sobre a manutenção e permanência do aluno surdo na escola, mesmo que a lei oriente sobre a criação de meios que oportunizem a utilização da Libras, a realidade dos profissionais da educação se mostra desafiadora. Dentro desta perspectiva, o educador com conhecimento de Libras torna-se um agente de transformação de extrema relevância, pois como expõe Gediel, Mourão e Miranda (2019), pode iniciar uma mudança dentro de uma instituição: apresentando a cultura dos surdos, fortalecendo a utilização da Libras como língua, criando metodologias que respeitem as especificidades dos indivíduos surdos.

Quando se trata de metodologias para o ensino de alunos surdos observamos, primeiramente, o reconhecimento das peculiaridades de cada pessoa, visto que cada indivíduo possui suas características e sua bagagem de conhecimentos. Após essa verificação, o docente



precisa compreender que o indivíduo surdo se apoia na visão tanto para se comunicar (Libras) como para perceber o mundo ao seu redor.

Entendendo esse fator, os autores recorrem a utilização de métodos com foco em incentivos visuais. É fundamental para aprendizagem dos alunos, um ambiente rico de estímulos para que ocorra a correlação entre o conteúdo escrito com a prática. Na sala de aula, o aluno surdo necessita ter contato com objetos, imagens, vídeos, tendo apoio da Libras para compreender melhor o assunto exposto pelo professor.

Material Didático

Dando seguimento, trataremos nessa seção dos materiais didáticos que os autores apresentam. No quadro 04 eles estão identificados.

Quadro 04 – Demonstração dos elementos dos artigos que apontam materiais didáticos para o ensino de surdos.

Autores	Materiais
Fonseca, Calixto e Baia (2020)	objetos, imagens, artefatos históricos associados.
Gediel, Mourão e Miranda (2019)	Vídeo com conteúdo das aulas legendado, criação de sinais específicos para disciplina.
Fernandes e Laranja (2017)	Um vídeo tratando do conceito de região, em seguida exposição de um mapa do Brasil com as 27 federativas e seus respectivos sinais.
Silva, Moreira e Viana (2009)	Propostas desenvolvidas: “o conto sonoro”, “a orquestra de jornal”, a “construção narrativa a partir de onomatopeias”, a “confecção artesanal de um Ganzá” e o “experimento com sal grosso sobre o tambor”, todas atividades utilizando objetos (tambor, sal, vasilha), papel, jornais.
Oliveira (2018)	Imagens para auxiliar na leitura de música.

Fonte: Elaboração das autoras (2022).

Os materiais usados pelos educadores se tornam meios para alcançar êxito no processo de ensino aprendizagem, isto ocorre porque os alunos conseguem abstrair mais facilmente a teoria. No primeiro artigo Fonseca, Calixto e Baia (2020) nos mostram uma maneira de ensinar história, relacionando conteúdos com imagens e objetos (artefatos históricos), tal forma pode ser usada em outras disciplinas.

Do mesmo modo, Oliveira (2018) discorre sobre o ensino de Língua Portuguesa, ao identificar o interesse do aluno sobre futebol, o educador da pesquisa mostra uma imagem do time de futebol ABC, em seguida transcreve o Hino deste time lendo verso a verso, com a



respectiva tradução em libras. Nessa situação, enfatizamos o fato de identificar sempre as preferências dos alunos como ponto de partida para ensinar.

Como acontece no caso em que Silva, Moreira e Viana (2009) nos relatam vivência com atividades relacionadas ao ensino de Artes, como o “experimento com sal grosso sobre o tambor”, que a priori utilizou um tambor e na parte de baixo uma vasilha com sal grosso, toda vez que a professora batia no tambor o sal balançava, proporcionando a visualização do movimento e som, sabemos que indivíduos surdos apreendem o som pela vibração, sendo assim um momento de aprendizagem e inclusão de todas as crianças.

Outro meio eficaz para ensinar é com a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), assim como Gediel, Mourão e Miranda (2019) apresentam, são aliados para educação, uma vez que vivemos num momento histórico de constante acesso à tecnologia, as TIC's se apresentam como colaboradoras do ensino. Na experiência relatada por esses autores em uma instituição de ensino, alguns profissionais se depararam com uma problemática. Após o ingresso de um aluno surdo, eles precisaram criar materiais para a proporcionar a continuidade deste aluno no curso. Em decorrência dessa circunstância, elaboraram vídeos legendados em Libras.

Esse artigo de Gediel, Mourão e Miranda (2019) evidenciou a necessidade de se atentar aos sinais específicos de cada assunto. Os profissionais criaram, juntos com alunos surdos e a comunidade surda, sinais para o conteúdo de disciplinas da área de exatas. Tal como o caso em que Fernandes e Laranja (2017) apontam que houve a utilização de sinais de cada unidade federativa do Brasil, nesse caso também usaram vídeos para explicar o conceito de região, na disciplina de Geografia.

Língua Escrita

Ao se discutir sobre a língua escrita para surdos, observamos, primeiramente, a legislação que estabelece a língua portuguesa (modalidade escrita) como segunda língua para alunos surdos. No que se refere a formação de profissionais da educação, a Libras entra como disciplina inclusa na grade curricular, para curso de português, existe a oportunidade de formação voltada para Libras como primeira língua e Língua Portuguesa como segunda. (BRASIL, 2005).



Nesta perspectiva, a realidade direcionada pelas leis é uma educação bilingue. Para que isso aconteça, é necessário que o aluno se comunique utilizando libras e escreva utilizando língua portuguesa. Na oficina que Silva, Moreira e Viana (2009) relatam, acontece uma atividade denominada “construção narrativa a partir de onomatopeias”, entendemos que onomatopeia é uma figura de linguagem usada para representar o som. Desta forma, a professora disponibilizou jornais com onomatopeias para que as crianças as identificassem e pudessem representá-las, essa situação possibilitou a criação de narrativas sonoras e visuais.

O uso de jornais, cartazes, revistas, dentre outros meios, são defendidos pelos autores citados, como uma fonte visual e palpável das letras, para que os alunos possam visualizar aplicação prática da língua escrita. É requerido do educador conhecimento sobre formas que auxiliem os alunos a se expressarem. Um aspecto levantado por Oliveira (2018), é que o professor tem de trazer gêneros textuais que possam ser apresentados com imagens, não somente escritos.

Apesar de legalmente a proposta de educação bilingue ser ordenada, para Novaes, Novaes e Moura (2018), tal forma apresenta uma descontinuidade no ensino para os alunos, isto porque aprendem a se comunicar com sua língua materna e necessitam escrever e pensar utilizando uma segunda língua.

Gerando assim uma complexidade de questões, como por exemplo: é requerido do aluno surdo uma disponibilidade maior aos estudos, pois para aprender é necessário o conhecimento de duas línguas; a diferença esmagadora das duas línguas na modalidade escrita, visto que uma língua se utiliza da sonoridade e a outra visão; considerando as adversidades apresentadas, verificamos a seguinte consequência: maior dificuldade por parte dos alunos de escrever usando a língua portuguesa escrita.

O texto dos autores Novas, Novas e Moura (2018) nos orienta a utilizar o Signwriting, um sistema gráfico da língua de sinais, como um apoiador no ensino de alunos surdos, que aprendem a falar e escrever utilizando sua língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa realizada, observou-se uma quantidade mínima de estudos que dispunham de materiais e estratégias metodológicas para o ensino do aluno surdo. Se evidenciou ainda, uma necessidade de apropriação da Libras para ações de ensino entre aluno



e professor. Existem leis pertinentes ao uso da Libras, mas pouco se vê aplicada no ambiente de ensino e o que já deveria estar estabelecido, hoje ainda é componente a ser cobrado do professor na aplicação das metodologias de ensino.

As aprendizagens oriundas do trabalho, possibilitaram ampliar a visão de como propiciar ao aluno surdo metodologias para aprendizagem mais significativa e em concordância com suas necessidades educacionais, sempre ressaltando o papel da Libras nesse processo. Portanto, reacendemos a indispensabilidade da formação continuada do educador, e que a Libras e a educação para surdos supere o status de somente uma disciplina isolada no currículo dos professores.

Como contribuição, a pesquisa dispõe de um material norteador de ações metodológicas que podem ser aplicadas e direcionar a produção de novas. Compreendemos que este debate requer mais dedicação por parte dos profissionais da educação, dispondo de demasiados campos que precisam ser explorados.

REFERÊNCIAS

BAALBAKI, Angela; CALDAS, Beatriz. Impacto do Congresso de Milão sobre a Língua de Sinais. In: XV Congresso Nacional de Linguística e Filosofia, nº5, t. 2. Rio de Janeiro: 2011. **Anais do [...]**. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/156.pdf . Acesso em: 29 jun. 2022.

BENARAB, Liazid; OLIVEIRA, Celso Socorro. Estudo da Língua Brasileira dos Sinais e da Língua dos Sinais Francesa: através da sua formação e da influencia do segundo congresso internacional de Milão na educação dos surdos. In: CONGRESSO NACIONAL MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, IV, 2007. **Anais [...]** . Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007. p. 1-8. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2007/080.pdf> . Acesso em: 30 jun. 2022.

BIGOGNO, Paula Guedes. **Cultura, Comunidade e Identidade Surda: O que querem os Surdos?** 2012. 18 f. TCC - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art.18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] União, Brasília, 23 dez. 2005



BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr.2002.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

FERNANDES, Jean Volnei; LARANJA, Ruth Elias de Paula. Atuação da sala de recursos no processo de ensino aprendizagem da Geografia para alunos surdos. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, v. 16, n. 1, p. 129-139, jan. 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/36543/pdf>. Acesso em: 25 jun. 2022.

FONSECA, André Dionei; CALIXTO, Hector Renan da Silveira; BAIA, Lino Arlem Azevedo. A história em silêncio: o ensino de história para alunos surdos em Santarém-pa. **Educa - Revista Multidisciplinar em Educação**, [S.L.], v. 7, n. 17, p. 257, 18 mar. 2020. Educa - Revista Multidisciplinar em Educação. <http://dx.doi.org/10.26568/2359-2087.2020.4886>.

GEDIEL, Ana Luisa Borba; MOURÃO, Victor Luiz Alves; MIRANDA, Isabela Martins. A Inclusão e suas práticas aspectos socioantropológicos da produção de materiais pedagógicos inclusivos para Surdos. **Anuário Antropológico**, [S.L.], n. 441, p. 135-158, 1 jun. 2019. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/aa.3501>.

LACERDA, Cristina B.F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cadernos Cedex**, [S.L.], v. 19, n. 46, p. 68-80, set. 1998. Fap. UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32621998000300007>.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos; CAETANO, Juliana Fonseca. **Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos**. Coleção UAB – UFSCar: Pedagogia. Língua Brasileira de Sinais – Libras: uma introdução. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

MOURA, Maria Cecília de. **Surdez e Linguagem**. Coleção UAB – UFSCar: Pedagogia. Língua Brasileira de Sinais – Libras: uma introdução. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

NOVAES, Edmarcius Carvalho; NOVAES, Edmara Carvalho; MOURA, Jéssika Rocha de. SIGNWRITING: a proposta de leitura para alunos surdos pela transcrição da língua brasileira de sinais. **Revista Inter Ação**, [S.L.], v. 43, n. 3, p. 785-800, 12 mar. 2019. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v43i3.50212>

OLIVEIRA, Leonor A. B.. Um olhar Psicopedagógico na Inclusão de um Aluno Surdo. **Holos**, [s. l], v. 7, p. 103-116, 30 nov. 2018. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/6312>. Acesso em: 25 jun. 2022.

SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da; MOREIRA, Daniela Almeida; VIANA, Breithner Monteiro. O ensino de artes na contemporaneidade: uma experiência metodológica de ensino de arte para crianças surdas. **DApesquisa**, Florianópolis, v. 6, n. 4, p. 344-350, 2009. Disponível



em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/14188/9265>. Acesso em: 25 jun. 2022.

STROBEL, Karin. **História da Educação de Surdos**. Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade à distância. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em 29 jun. 2022.

Recebido : 20 de fevereiro de 2023.

Aprovado: 30 de novembro de 2023.

Publicado: 1 de janeiro de 2024.



Autoria:

Esthefany Ingrid Costa da Silva

Graduada em Licenciatura em Pedagogia, no Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa)

Instituição: Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa)

E-mail: esthefanys305@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-2509-552X>

País: Brasil

Vitória Wislla Sousa Lira

Graduada em Licenciatura em Pedagogia, no Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa)

Instituição: Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa)

E-mail: vitoria.wislla@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-7852-7656>

País: Brasil

Hector Renan da Silveira Calixto

Doutor em Educação na Amazônia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa); Mestre em Educação, Cultura e Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Licenciado em Pedagogia, Educação Especial e Letras-Libras. Professor de Libras no Instituto de Ciências da Educação (ICED), na Ufopa. Líder adjunto do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação de Surdos (GEPES), da Ufopa.

Instituição: Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa)

E-mail: hector.calixto@ufopa.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4227-6625>

País: Brasil